UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO

Comunicação Social – Jornalismo

Gabriela da Cunha Ursulino

CANTADA NÃO É ELOGIO!
O ASSÉDIO VERBAL FEMININO

São Paulo

2016

Gabriela da Cunha Ursulino

Cantada não é elogio!
O assédio verbal feminino

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Jornalismo. Orientadora: Prof.ªGaya Machado.

São Paulo

2016

GABRIELA DA CUNHA URSULINO

Cantada não é elogio!

O assédio verbal feminino

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Gaya Machado

São Paulo, ____ de _____ de 2016.

BANCA EXAMINADORA

_____
(Nome do Orientador e Titulação)

_____
(Nome do Professor e Titulação)

_____
(Nome do Professor e Titulação)

CONCEITO FINAL: _____

Dedico este trabalho a todas as mulheres que já se sentiram constrangidas ou agredidas por consequência do assédio verbal.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais e a minha família por me apoiarem em cada atitude e cada passo que dei em minha vida. Por me darem amor e carinho, e por me ajudarem nessa longa caminhada.

Agradeço minha orientadora Gaya Machado, por ter me compreendido e me ajudado a concretizar esse sonho. Também aos meus professores que a cada semestre puderam repassar um pouco de suas experiências.

Sou grata pelo tempo que passei ao lado de pessoas especiais nessa faculdade, como a Karen Fraga, Julia Gomes, Juliane Ribeiro, Suellen Marinho, Laner Siqueira e aos meus colegas de classe. Essas pessoas trouxeram nesses quatro anos de aprendizado, muitas memórias incríveis que guardarei com muito amor.

Agradeço a Deus por ter me iluminado, abençoado, por ter me dado sabedoria e me permitir realizar mais um sonho em minha vida.

RESUMO

Este relatório de pesquisa irá apresentar a proposta de estudo realizada anteriormente no artigo, sobre os grupos feministas inseridos na internet e como eles abordam o assédio verbal na plataforma. O produto dessa proposta de estudo, será apresentado em um site na internet. Irá abordar como os grupos feministas estão inseridos e como atuam hoje, através das redes sociais e de seus blogs. Também iremos abordar como as mulheres e leitoras estão inseridas na web, e como elas usam para falar sobre os temas feministas. Abordaremos como algumas mulheres atuam hoje nas lutas por seus direitos e como o assédio verbal feminino é tratado tanto pelas leitoras como pelos grupos feministas. O site foi desenvolvido através do portal Wix.com (serviço que permite montagens de sites online), e contará com imagens, vídeos, infográficos e outros elementos gráficos. Este documento apresentará o estudo e os processos de produção do produto.

Palavras-chave: Redes sociais, feminismo, ciberfeminismo, ciberespaço, internet.

ABSTRACT

This research report will present the proposal to study previously carried out in the article, on the feminist groups placed on the Internet and how they approach the verbal harassment on the platform. The product of this study proposal will be presented on a website. Will address how women's groups are included and how they work today, through social and their blogs networks. We will also address how women and readers are using their social networks to talk about feminist issues, how they act today in the struggle for their rights and how the female verbal harassment is treated both by readers and by feminist groups. The site was developed by Wix.com portal (service that allows mounts online sites), and will include images, videos, infographics, and other graphics. This paper will present the study and product production processes.

Keywords: Social networks, feminism, cyberfeminism, cyberspace, internet.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do site 21

Figura 2 – Foto durante o carnaval em 2016 21

Figura 3 – Print da publicação no Facebook da Pri Ferrari 22

Figura 4 – Frase escrita em um ônibus 22

Figura 5 – Foto de uma mulher sentada em um ponto de ônibus 23

Figura 6 – Foto do Manifesto feminista “Se a Rua Fosse Nossa” 23

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
2 MEMORIAL DESCRITIVO 12
2.1 Conceitos 12
2.2 Entrevistados 13
2.3 Processos 14
2.4 Objetivos 15
CONCLUSÃO 17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 18
ANEXOS 21

1 INTRODUÇÃO

A internet nos fez conhecer novas ideias, novos caminhos e se tornou nosso grande aliado no dia a dia, tanto no trabalho, nos estudos, em casa, etc. Com isso, acabamos conectados a todo tempo, tanto no celular, no tablet, no computador, no relógio, nas mais diversas plataformas.

Ela também nos permitiu facilitar as nossas lutas diárias da vida, como o feminismo. No começo das lutas feministas no século XIX[1] na Inglaterra, as mulheres batalhavam por igualdade de direitos entre os gêneros, e após isso garantiram o seu direito a voto e ao trabalho, por exemplo, através de reuniões e manifestações que sempre ocorriam no espaço público. Com a criação da internet em 1969 [2], essas lutas foram expandidas e além de manifestações, as lutas começavam a ser em redes sociais e em grupos feministas. Além de alcançar diversos lugares no mundo, agora se pode falar e lutar de diversas coisas ao mesmo tempo, alcançando mulheres que são contra o assédio verbal, como também são contra a cultura do estupro.

Este relatório mostrará os passos para o desenvolvimento do projeto, no qual abordará como os grupos feministas estão sobrevivendo na era da internet, e como as redes sociais podem e ajudam as mulheres a se envolverem nas lutas feministas. Também abordaremos como esses grupos que já estão inseridos na internet tratam o assédio verbal nas mulheres e o que eles estão fazendo a respeito. Todo esse projeto será apresentado como uma grande reportagem para internet e será apresentado no portal WIX[3] (serviço que permite montagens de sites online).

[1] História do começo do feminismo. Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/primeira-onda-feminista/> Acesso em: 31/10/2016

[2] Em 1969 nasceu o princípio básico da internet nos EUA. Os americanos criaram um sistema de descentralização de informações na Guerra Fria, para evitar novos ataques.

[3] Portal Wix. Com. Disponível em: <http://pt.wix.com/>

2 MEMORIAL DESCRITIVO

2.1 Conceitos

O ciberespaço foi criado na década de 90, após umagrande demanda de pessoas se conectarem as “inter-redes” [4]. Somente através do ciberespaço, definido por Pierre Levy (1999) como o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, os membros buscam, cooperam e participam de uma memória comum, em tempo real e em qualquer lugar. O ciberespaço foi definido por William Gibson (1984) como um espaço imaterial ao qual seres humanos eram conectados através de aparelhos eletrônicos (Martino, 2014, p.29).

Com todo esse acesso da população a esse espaço imaterial, foram criados informações e conteúdos literários, musicais, políticos, artísticos, que foram definidos como cibercultura. Não tem só um conteúdo específico, a cibercultura permite uma variação de cultura e aprendizagem bem ampla. Quem acessa o ciberespaço pode ter acesso a informações diferentes e de qualquer lugar do mundo.

Com essa possibilidade de comunicação com qualquer pessoa e com muitas pessoas, foi inserido o feminismo na internet, definido como Ciberfeminismo. “Uma prática feminista em rede, que tem por intuito, tanto politicamente, quanto esteticamente, a construção de novas ordens e desmontagem de velhos mitos da sociedade através do uso da tecnologia” (MARTÍNEZ-COLLADO e NAVARRETE, 2006 apud LEMOS, 2009, p.9).

Os grupos feministas usam a internet para dialogar, lutar, desenvolver e criar novos projetos para a ampliação e a conclusão com eficiência das suas lutas. A internet permite que esses grupos se comuniquem com as mulheres de diversas idades, classes sociais, com interesses distintos. Através da internet, analisamos alguns grupos feministas para entendermos como eles usam esse espaço imaterial para propagar os seus direitos. Também analisamos como estes grupos usam suas

[4]Inter-Rede é um conjunto de redes Interconectadas. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/53477564/Parte-VIIIa-Apostila-Fund-Redes-Arquitetura-TCP-IP-Conceitos>. Acesso em: 18/08/2016

redes sociais e principalmente, como colocam em pauta o assédio verbal nas mulheres.

Escolhi os coletivos feministas[5] Think Olga e o Blogueiras Feministas. O Think Olga é o principal objeto de estudo, já que escolhi por terem realizados algumas campanhas sobre o assédio verbal, como a ação Chega de Fiu Fiu e o Primeiro Assédio. O Blogueiras Feministas foi escolhido por suas redes sociais terem mais de 80 mil curtidas.

Pelo fato de a análise ser justamente sobre os grupos feministas na internet, optamos por apresentar na mesma plataforma e conhecê-la de perto. O projeto foi realizado em forma de grande reportagem digital através do Wix.com e contou com fotos, vídeos, ilustrações, entre outros recursos gráficos.

2.2 Entrevistados

Após o desenvolvimento dos primeiros passos do projeto, como o projeto de pesquisa e o artigo científico, começamos a produção do produto. Para compreendermos mais sobre o tema, busquei me aprofundar em leituras (livros, artigos, textos) sobre o feminismo, redes sociais, internet e ciberespaço. Busquei conhecimento como nas autoras feministas Simone de Beauvoir em seu livro O Segundo Sexo (1970), Michelle Perrot em Os Excluídos da História (2006) e na autora Cecília Toledo em O Gênero Nos Une, A Classe Nos Divide (2008). Para me aprofundar sobre o ciberespaço e suas tecnologias, busquei em autores como Pierry Levy em Cibercultura (1999) e com o autor Luis Mauro de Sá Martino no livro Teorias das Mídias Digitais (2014).

Após as leituras para o desenvolvimento do projeto, realizei entrevistas que estarão em anexo neste relatório. Foram entrevistadas:

- Maria Giulia Pinheiro é escritora, atriz e feminista. É formada em Ciências Sociais e Jornalismo. A escritora falou um pouco sobre a cultura de estupro que está inserida em nossa sociedade. A entrevista ocorreu por telefone no dia 24 de setembro de 2016 às 13h00.

[5] Os grupos feministas inseridos na internet

- Analu Ianik Costa é psicóloga formada pela Faculdade Evangélica do Paraná e mestranda pela UTP em Psicologia Forense. A psicóloga esclareceu sobre como os assédios e a violência contra a mulher afetam o dia a dia delas. A entrevista aconteceu por e-mail no dia 25 de abril de 2016.
- Beatriz Accioly é antropóloga e pesquisadora, especializada em estudo de gênero e violência contra a mulher. A antropóloga falou sobre a desigualdade de gêneros e sobre como isso afeta o assédio verbal feminino. A entrevista ocorreu por e-mail no dia 16 de maio de 2016.
- Bia Cardoso é pedagoga e uma das coordenadoras do blog Blogueiras Feministas. A coordenadora esclareceu como o blog feminista atua na internet, nas redes sociais, e como eles tratam o assédio verbal em mulheres. A entrevista ocorreu no dia 08 de setembro de 2016 por e-mail.

Também realizei um fala-povo com algumas mulheres, no qual elas contavam alguma situação em que sofreram assédio verbal, o que fizeram, como se sentiram, entre outras impressões sobre o tema. As entrevistadas foram: Julia Gomes, Caroline Ferrari, Saysa Moreira, Camila de Paula e Nathalia Autiere.

2.3 Processos

Com a elaboração do artigo científico, pude analisar os grupos feministas que estão inseridos hoje e nas suas páginas nas redes sociais. Podemos perceber que muitos grupos usam suas redes sociais para mostrar ilustrações, textos, artigos, entrevistas e outros artifícios para a divulgação de suas causas. Um exemplo é o Think Olga[6], que lançou a campanha Chega de Fiu Fiu[7] com ilustrações sobre o assédio verbal nas mulheres.

Após a realização das entrevistas, comecei a produzir o texto e estruturar como apresentaria as informações e os elementos gráficos. Alguns sites permitem que você crie uma página ou o seu blog, assim podendo criar e alterar o seu layout.

Alguns sites como o Wix.com, Medium e o Shorthand, permitem que você adeque seu site como a sua preferência. Para a fidelização dos próprios sites,

[6] Grupo feminista inserido na internet, voltado para o empoderamento feminino criado em 2013 pela jornalista Juliana de Faria.
[7] Campanha Chega de Fiu Fiu realizada em 2013, combate ao assédio verbal em mulheres no Brasil.

alguns só liberam algumas funções com opções pagas. Abaixo está os valores de plano de cada empresa:

Quadro 1 – Orçamento de planos para o projeto

Empresa	Planos	Valores
WIX.COM	Planos mensais com criação de domínio e armazenamento.	R$9.50 mês até planos R$37,25 mês
SWAY	Aplicativo desenvolvido pela Microsoft	Gratuito
SHORTHAND	Planos anuais com flexiva opção de hospedagem e treinamento.	$400 dólares até $750 dólares anuais

Fonte: autora

Para a realização deste produto, procurei um site no qual pudesse organizar o layout da página para deixar uma leitura fluida e fácil, podendo escolher a cor e fonte, com um background mais claro.

2.4 Objetivos

Este projeto teve como objetivo mostrar à sociedade brasileira como o assédio verbal é tratado e como ele está inserido em nosso dia a dia. A escolha do ambiente online, foi justamente permitir que os internautas possam interagir com o tema em suas redes sociais.

> Redes sociais podem ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos pautada pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes. Apesar de relativamente antiga nas ciências humanas, a ideia de rede ganhou mais força quando a tecnologia auxiliou a construção de redes sociais conectadas pela internet, definidas pela interação via mídias digitais. (Martino, 2014, p.29).

Outro objetivo deste projeto foi relatar como os grupos feministas estão atuando hoje sobre o assédio verbal nas mulheres, como eles estão lutando nas redes sociais. Prints das campanhas realizadas na internet ilustram e concretizam a ideia de que os grupos feministas usam suas redes sociais para propagar suas lutas.

CONCLUSÃO

Este projeto teve o intuito de mostrar e esclarecer o assédio verbal para as mulheres e para a sociedade. Percebemos que o feminismo luta diariamente para o fim dessa cultura enraizada há muito tempo em nossa sociedade. Foram criadas campanhas, manifestos, pesquisas, sites, blogs, tudo para o fim e para esclarecer o assédio verbal feminino. Esses coletivos que estão inseridos na internet têm um papel fundamental para a caminhada dessa luta. Podemos concluir que esses grupos feministas devem e irão ajudar tanto para o fim do assédio verbal, mas também para o fim da cultura de estupro.

Também podemos concluir que para a finalização deste projeto, a análise de grandes grupos feministas foi essencial. Com as entrevistas obtemos novas informações importantes para o site, como a entrevista com a feminista Maria Giulia Pinheiro, sobre a cultura do estupro, por exemplo.

O site debate e procura incentivar as mulheres e os grupos feministas a falarem sobre o assunto, que não deve ser encarado como algo corriqueiro do nosso dia a dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. 4ª edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

CATRACA LIVRE. **Guia mostra a diferença entre paquera e assédio no Carnaval.** Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/guia-mostra-a-diferenca-entre-paquera-e-assedio-no-carnaval/> Acesso em: 24/09/2016

CHEGA DE FIU FIU. **Chega de FiuFiu**. Disponível em: <http://chegadefiufiu.com.br/> . Acesso em: 19/08/2016

FACEBOOK. **Não me Kahlo**. Disponível em: https://www.facebook.com/NaoKahlo/. Acesso em 19/08/2016

FACEBOOK. **Chega de FiuFiu**. Disponível em: https://www.facebook.com/chegadefiufiu/. Acesso em 19/08/2016

FACEBOOK. **Jornalistas Contra o Assédio**. Disponível em: <https://www.facebook.com/jornalistascontraoassedio/> . Acesso em: 19/08/2016.

G1.**Espancada ao reagir a assédio morre após 4 meses de internação no RJ. Disponível em: <**http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/07/espancada-ao-reagir-cantada-morre-apos-4-meses-de-internacao-no-rj.html> Acesso em : 22/09/2016

GURGEL, Telma. **Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 9, 2010, Santa Catarina. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Santa Catarina.

LABCOM DATA. **O movimento feminista no Facebook: uma análise das páginas Moça, você é machista e Feminismo sem demagogia.** Disponível em:

<http://www.labcomdata.com.br/wpcontent/uploads/2015/12/SantosNdeOBarrosJFPaper.pdf/>. Acesso em: 23/08/2016

LEMOS, Marina Gazire. **Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas.** 2009. 129 f. Mestrado em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUGAR DE MULHER. **Coisas simples que mulheres hesitam em fazer por medo de assédio.** Disponível em :<http://lugardemulher.com.br/coisas-simples-que-mulheres-hesitam-em-fazer-por-medo-de-assedio/> Acesso em : 22/09/2016

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: Linguagem, ambiente e redes**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

NÃO ME KAHLO. **Não me Kahlo**. Disponível em: http://www.naomekahlo.com/> . Acesso em 19/08/2016

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: Operários, Mulheres, Prisioneiros. 4ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

REDES SOCIAIS.**Ciberfeminismo: novo espaço e novo rumo.** Disponível em: <http://redessociaisfacom.blogspot.com.br/2014/11/ciberfeminismo-novo-espaco-e-novo-rumo.html/>. Acesso em: 14/10/2016

REPOSITÓRIO UNESP. **Chega de fiufiu: o papel do ciberfeminismo na construção do feminismo na era da web 2.0.** Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/126668/000844976.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27/09/2016.

REVISTA FEMINISMOS. **O ciberfeminismo desencantado**. Disponível em: <http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/86/84/>. Acesso em: 23/08/2016

REVISTA GALILEU. **6 coisas que você precisa entender sobre a cultura do estupro.** Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/06/6-coisas-que-voce-precisa-entender-sobre-cultura-do-estupro.html> Acesso em: 02/10/2016

THINK OLGA. **A Olga**. Disponível em: <http://thinkolga.com/a-olga/> . Acesso em: 04/10/2016

THINK OLGA. **Chega de FiuFiu: resultado da pesquisa**. Disponível em: <http://thinkolga.com/2013/09/09/chega-de-fiu-fiu-resultado-da-pesquisa/>. Acesso em 04/08/2016

TOLEDO, Cecília. **Mulheres**: Gênero nos une, a classe nos divide. 2ª edição. São Paulo: Sundermann, 2008.

TWITTER. **#primeiroassedio**. Disponível em: <https://twitter.com/search?q=%23primeiroassedio/> . Acesso em: 19/08/2016

ANEXO A - Imagens usadas no produto criado no WIX.com

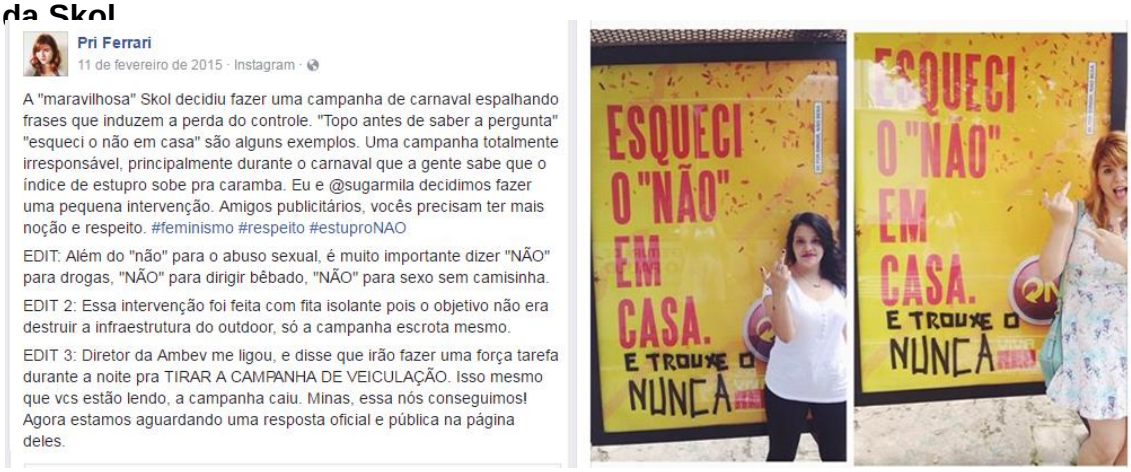
Figura 1 – Capa do site - Suellen Marinho

Fonte: Suellen Marinho, 2016

Figura 2 – Foto durante o carnaval em 2016

Fonte: Arquivo pessoal

Figura 3 – Print da publicação no Facebook da Pri Ferrari, sobre a propaganda da Skol



Fonte: Pri Ferrari – Facebook

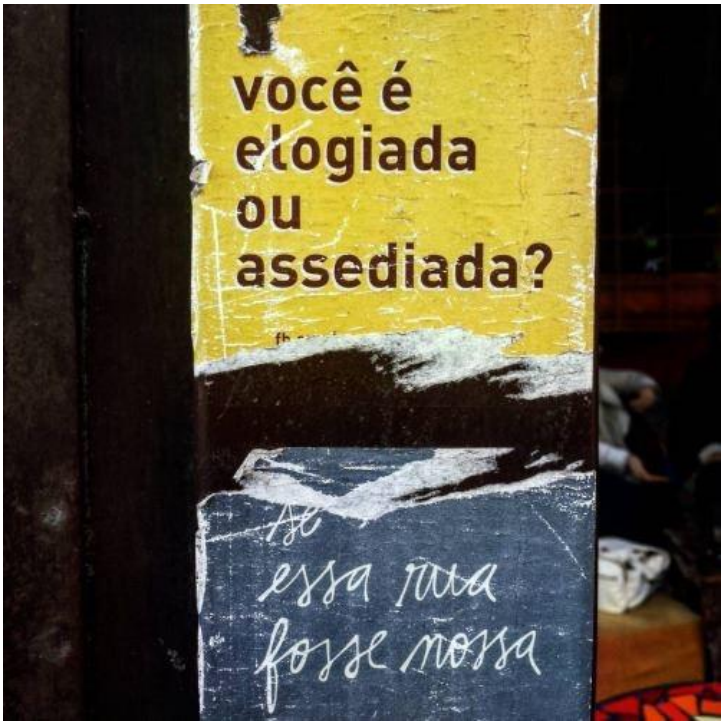
Figura 4 – Frase escrita em um ônibus que circula na zona sul de São Paulo

Fonte: arquivo pessoal

Figura 5- Foto de uma mulher sentada em um ponto de ônibus, lugar que muitas mulheres escutam as cantadas

Fonte: arquivo pessoal

Figura 6 – Foto do Manifesto feminista "Se a Rua Fosse Nossa"



Fonte: Se a rua fosse nossa – Facebook

Anexo B - Entrevista Maria Giulia Pinheiro realizada por telefone

Data: 24/09/2016 às 13h00

Contato: (11) 999993430

Nome Completo, idade, profissão: Maria Giulia Pinheiro, 26 anos, escritora/atriz e feminista. É formada também em ciências sociais e jornalismo.

O que é a cultura do estupro?

Mª: A cultura do estupro é a lógica que rege a nossa sociedade, que coloca a mulher como menos humana do que o homem, portanto, a mulheres estariam a serviço do homem. A cultura do estupro, ela é uma estrutura de pensamento que coloca sempre a mulher em submissão ao homem, tanto na sociabilização da mulher quanto do homem, quanto no nosso discurso. O sujeito masculino, tanto que usamos a palavra o Homem para designar a humanidade inteira. Se com isso, nós não estivéssemos repartindo a humanidade, e, além disso, que a hiper-sexualiza a mulher e ao mesmo tempo fragiliza. Então, você tem a submissão feminina no sentido ontológico de fato, a mulher para existir ela precisa estar sempre a serviço do homem. Por outro lado, sempre com a dominação financeira, a mulher ganhar menos que o homem, a mulher esta sempre esta atrelado a ele para as coisas mais cotidianas. Fora isso tem também a ideia de hiper-sexualização da mulher, que a gente vê na publicidade, mas também vemos nos livros clássicos, que a mulher é sempre um perfil que serve para o caráter sexual, não tem um sujeito interno, sempre a visão masculina da mulher. A ideia é de que o homem domina a mulher, a ideia é de que o homem domina a mulher, a ideia é de que a mulher esta a serviço do homem.

A cultura do estupro está ligada ao assédio verbal?

Mª: Não. O assédio verbal é uma manifestação da cultura do estupro. Por que o homem fala *"o gostosa"* na rua? É de fato que ele quer te comer? Não, não é! Não tem a ver com sexo. Tem a ver com ele mostrar que a mulher está na rua a serviço dele. Que a rua é um espaço público e que o espaço público não é destinado às mulheres, que o espaço público é um espaço de homem, e que e ela está ali como um objeto.

Você acha que os grupos feministas online podem ajudar na relação ao fim da cultura do estupro e do assédio?

Mª: Eu acho que podem trazer conscientização e de fato trazem. Porque a grande questão é que o feminismo, eles precisam tirar essas coisas estavam na esfera privada, ai de repente você diz, essas coisas são uma questão pública, e quando você coloca uma hashtag, que nem o Think Olga colocou do Primeiro Assédio, coloca se em pauta algo que as mulheres, entre nós, é tão normatizado, que nem discutimos isso, quem dirá pros homens, já que é tão normatizado que nem chegava aos ouvidos deles. Quando um bando de mulher começa a colocar lá, e você percebe que a sua tia, sua mãe, sua irmã, sua amiga, todas elas já forma assediadas, e pior ainda, potencialmente por você (homem), eu acho que quando isso acontece você de fato muda a idéia que se tem da coisa, porque você esta discutindo o assunto. Eu acho que o feminismo da internet, tem um grande potencial em mudar as idéias sim, porque ele problematiza e coloca o assunto a tona. E também não é só na internet porque quando as pessoas começam a discutir como o Primeiro Assédio fez, ou como o Meu Amigo Secreto, como essas hashtags fizeram, as pessoas começam a discutir de fato isso e também começa a ter potencial para ser transformado. Eu acho que o feminismo na internet tem um grande papel para a desconstrução da cultura do estupro sim, na medida em que eles discutem isso, o que não era discutido antes. Agora, eu acho que tem um grande problema, que é entre o discurso e a ação, porque o discurso é muito facilmente reproduzido, é muito fácil você entender que é feio, você contar que você assedia na rua, então você para de contar, mas continua assediando. Eu acho que é muito fácil você entender que você precisa (isso eu to dizendo como os homens principalmente) fazer um discurso feminista porque pega bem e continuar com uma ação extremamente machista. Eu acho muito importante que essa falação saia da internet, e que o mundo vire mais feminista e que de fato desestruturalize a cultura do estupro, porque a cultura não é só o que está escrito ou o que se diz, ela também é como as pessoas agem. Ou a gente para de agir como a cultura do estupro (homens e mulheres), ou a cultura do estupro continua a mesma. Resumindo meu ponto de vista: eu acho que o feminismo de internet tem um papel gigantesco com a conscientização da cultura de estupro, mas eu acho também que a cultura do estupro é algo que vai de 5 mil anos atrás. Quando eu falo 5 mil anos, eu não estou exagerando. O primeiro texto escrito, o primeiro registro de historia escrita, se você ler a Odisseia você vai entender a cultura do estupro ali, ta na base da cultura. A Penélope tem que ludibriar os pretendentes porque se não ela precisa casar com alguém, porque ela não é

vista como uma pessoa capaz de reger a cidade (Esparta). Obviamente era ela que regia e ela precisava de um truque para fazer isso, porque se não ela tinha que casar, já que ela era vista como um objeto e não um ser pensante. Pra gente de fato conseguir acabar com a cultura do estupro, precisava fazer uma revolução muito grande, só que o ativismo tem uma eficácia em conscientizar as pessoas para que mudem os hábitos delas.

O estado pode ajudar para acabar com essa cultura? Como?

Mª: Claro. O estado tem que mudar a constituição, pois nós temos uma série de leis que na verdade dizem contra a mulher, nós estamos começando a ter leis eficazes como a lei Maria Da Penha. As leis brasileiras são extremamente misóginas e extremamente machistas. A gente tem, por exemplo, até os anos 80, os juristas discutiam se o marido estuprasse a esposa, isso poderia ser considerado estupro ou não, já que a mulher tem o dever de transar com o homem, ela querendo ou não. A lei de estupro sofreu uma atualização em 2002 ou 2012, e se discutia se o estupro era contra a moral ou contra o corpo da mulher, porque na verdade desonrava a mulher. Ou seja, a mulher era uma propriedade do pai e do esposo dela, e que o estupro é na verdade um crime contra a propriedade humana, um crime contra a moral do pai ou o esposo. Ela é apenas um veículo da violência, não aquela que sofre a violência. Então, o estado pode sim contribuir com o fim da cultura do estupro. Outro exemplo de uma medida simples do estado, mas que tira um pouco do peso dessa cultura enraizada, é o fato do Bolsa Família só ser dado para as mulheres da família. Muitas mulheres saíram da condição de abusadas (os maridos batiam nelas) e ganhavam Bolsa Família. Com aqueles 100 reais, ela não precisava se submeter à violência dentro de casa porque ela tinha um dinheiro que não era do marido. Então o estado pode sim contribuir para isso, mas para isso, têm que entender que tem um divida histórica longa com as mulheres, e que nós temos uma sociabilização que nos coloca submissa.

E o que nós mulheres devemos fazer?

Mª: Tem muitas coisas que as mulheres podem fazer e acho que as mulheres estão fazendo. O que para mim está sendo importante é não sofrer opressão. Se eu ver uma situação de opressão, temos que falar. Dividir e ser solidária com mulheres. Afeto e incentivo às outras mulheres. Dar a mão entre mulheres e a si

mesma (amor próprio é essencial). Não aceitar piada machista, não! Não ser condizente com amigo que maltrata a namorada. Não ser condizente com homem que você sabe que está fazendo mal a menina, ou com patrão que está sendo opressor com a estagiária. Estar sempre junto com elas. Quando você luta por uma amiga, você também esta lutando por você!

Você já foi assediada verbalmente na rua?

Mª: Sim. Várias vezes, mas tenho duas histórias que ficaram marcadas. Uma vez eu estava andando no caminho do metro até em casa, e eu estava em uma avenida fazendo essa caminhada, e um motoqueiro veio me chamar com algo bem grosseiro e eu mostrei o dedo do meio para ele. Geralmente, eu não respondo por medo, por causa da próxima historia que vou contar que cronologicamente veio primeiro. O motoqueiro fez a volta e praticamente jogou a moto em cima de mim, minha sorte que eu estava em um posto, e os frentistas que me ajudaram. Mas a história que mais me traumatizou foi quando eu estava entrando na estação Sumaré, e tinha uma fila de homens. Como era perto do natal, conforme eu passei eles falavam “hm, feliz natal, bonita! feliz natal gostosa”. No último cara eu já estava bem brava, e então respondi de uma forma machista e disse “para a sua mãe também”, e virei de costas para continuar andando. Mas ele me deu um soco nas costas e eu acabei caindo, e os seguranças do metro me levaram para dentro. Isso me mostrou que ele não estava interessado em mim de fato, mas queria mostrar um para o outro o quanto eram machos, isso tinha a ver com cada um mostrar sua masculinidade. Eu era só um objeto, e eles aproveitaram para mostrar sua masculinidade. Quando eu respondi, esse cara sentiu sua masculinidade afetada, e queria mostrar que ele dominava a situação.

Anexo C - Entrevista por email com a Analu Ianik Costa

Email: anaianik@gmail.com

Data: 25/04/2016 14:43

Psicóloga formada pela Faculdade Evangélica do Paraná, mestranda em Psicologia Forense pela UTP – Paraná, sua pesquisa aborda a clínica forense de adolescentes em conflito com a lei. Trabalha como psicoterapeuta de crianças, adolescentes e adultos.

RE: Solicitação de entrevista

AC Analu Ianik Costa
seg 25/04/2016 14:43
Para: Gabriela Cunha (biela_7@hotmail.com)

Responder

Caixa de Entrada

Evernote

Quando uma mulher sofre algum tipo de assédio, isso pode mexer com o equilíbrio dela?

Pode sim, geralmente as mulheres se sentem invadidas e com uma sensação de impotência, sem falar no medo de que esse assédio verbal possa evoluir para assédio físico ou uma tentativa de estupro.

*Como é feito o tratamento/acompanhamento de uma mulher que foi assediada na rua?

Nestes casos trabalha-se aspectos como a não culpabilização da vítima, assim como se busca entender se existiram outras situações nas quais a mulher já foi vítima destes comportamentos abusivos dos homens e qual é o impacto dessa revitimização para ela. Além disso busca-se desenvolver estratégias para que estes assédios não causem estas reações adversas.

*Você já sofreu algum tipo de assédio verbal na rua? Como lidou com isso? Como você reagiu?

Sim, várias vezes. Fiquei muito indignada todas as vezes, e sinto que isso afetou meu comportamento, pois até hoje em dia eu evito passar por lugares que tem homens, chegando a atravessar a rua ou a ficar ansiosa e incomodada quando me aproximo de desconhecidos na rua.

Há alguma coisa que pode ser feita, para uma mulher conseguir lidar com o assédio?

Depende de cada caso. Tem mulheres que se sentem aliviadas ao reagir ao assédio, assim não ficam com a sensação de impotência, outras preferem ignorar, por isso é fundamental conhecer a história de cada uma e a sua personalidade para desenvolver estratégias mais adequadas para cada caso.

*O que motiva os homens a ter essa atitude de assédio? Como reagem aos homens quando uma mulher o confronta?

Eu acredito que o que os motiva é a crença de que a mulher é submissa, alguns acreditam que aquilo é elogio e que não estão fazendo mal, falta de empatia e respeito com as mulheres também. Diante do confronto das mulheres alguns ficam sem reação, outros envergonhados mas há sempre o risco de eles se tornarem violentos e partir para uma agressão verbal ou física.

Segue as respostas, espero ter ajudado!

Beijos e estou a disposição

Anexo D - Entrevista com Beatriz Accioly

Email: bia.accioly.lins@gmail.com

Data: 16/05/2016 - 18:55

Antropóloga e pesquisadora especializada em estudos de gênero e violência contra mulheres.

Re: Solicitação de entrevista

BL Bia Accioly Lins
seg 16/05/2016 18:55
Para: Gabriela Cunha (biela_7@hotmail.com)

Responder

Caixa de Entrada

Sinalizar para acompanhamento.

Evernote

Olá Gabriela,

Em primeiro lugar, desculpa a demora. Meu pai está com problemas cardíacos e tenho andando às voltas com hospitais e exames. Sobre as suas perguntas. Eu não sie muito bem qual o meu papel no seu trabalho, pois achei as perguntas muito genéricas e gigantescas, elas merecem uma pesquisa e não somente a fala de uma pessoa. A primeira pergunta, por exemplo, de que sociedade você fala? A sociedade brasileira? A sociedade inglesa? Cada sociedade tem características específicas. E de que tempo histórico você fala? Quando teriam começado as "lutas feministas"? Talvez seja interessante você ler alguns livros que te explicam melhor essas questões históricas, pois é muito difícil traçar a questão de maneira tão geral. O que nós podemos dizer é que o movimento de mulheres organizadas por direitos (depois chamado de feminismo) surgiu na Europa e nos EUA no final do século XIX e sua principal pauta era a equidade de direitos políticos entre homens e mulheres, em especial o direito ao voto. Como era a vida das mulheres? Que mulheres? As escravas? As inglesas da elite? As brasileiras? Não tem como responder essa pergunta. A única coisa que podemos afirmar é que não tinham acesso à cidadania que havia sido concedida aos homens.

Eu sugiro que você leia alguns livros, como A História do Feminismo no Brasil (da Ed. Perseu Abramo) e o Diferentes, não desiguais (da Reviravolta, Cia das Letras), lá tem bons resumos para todas as perguntas.

A respeito de suas perguntas sobre asssédio, talvez se você entrar em blogs e páginas sobre essa questão específica, seja mais útil para você, como o Think Olga e o Chega de Assédio.

Vou responder as perguntas que acho que me cabem.

2 – Há várias construções sociais sobre ser mulher e ser homem, a isso chamamos de norma de gênero, porque são normativas que orientam como as pessoas devem ser e o que se espera dela. Algumas construções de gênero afirmam sim que mulheres são inferiores a homens em alguns aspectos, como a inteligência e a habilidade política. No entanto, devemos estar atentos não somente a isso, mas a essa concepção de que mulheres são de um jeito e homens de outro. O que encontramos, na realidade, é uma forma muito variada de ser mulher e de ser homens. Existem mulheres que são inteligentes e gostam de política. Existem homens que não gostam de esportes. E isso não é anormal ou exceção, isso prova que existe muita variabilidade e que insistir em normas de gênero (regras sobre ser homem e mulher) tende a ser algo que gera preconceitos e limita as pessoas.

3 – O Assédio verbal é uma forma de violência de gênero. Violência de gênero é toda forma de violência (violação de direitos) baseada no gênero de uma pessoa. Mulheres sofrem assédio nas ruas porque muitas pessoas consideram normal que se avalie e se aborde mulheres que transitam pelas ruas. No entanto, muitas mulheres se sentem acuadas e desrespeitadas, o que faz disso uma violência.

4 – Mudanças sociais são lentas e muito difíceis. Uma forma de começar a fazê-las é pela educação, ensinar crianças a respeitarem as diferentes formas de sermos mulheres e homens e a não violar os direitos dos outros.

5 – Toda forma de violência de gênero (que não acontecem só com meninas, mas com pessoas LGBT, por exemplo) devem ser abordadas pela escola. As escolas são espaços de criação de cidadãos e de aprendizado da vida em sociedade, o que inclui o respeito aos direitos.

6 – Depende de cada pessoa, mas em geral, o medo e o fato de que as pessoas não dão a devida importância, pois acham natural.

7 – Na internet existem muitos blogs e páginas que informam e ajudam as mulheres a conhecer seus direitos e lutar por eles, mas a internet também é um lugar de ataques violentos a militantes feministas.

8 – Não entendi o que seria a sociedade ter culpa. O assédio é um reflexo de nossa sociedade, que pressupõe que os corpos das mulheres podem ser avaliados e comentados por estranhos em lugares públicos.

Espero ter ajudado.

Abs,

Beatriz

Anexo E - Entrevista com Bia Cardoso

Email: asblogueirasfeministas@gmail.com

Data: 08/09/2016 20:39

Bia Cardoso, 35 anos. Pedagoga. Uma das coordenadoras do site Blogueiras Feministas

Re: Solicitação de entrevista

BF Blogueiras Feministas
qui 08/09/2016 20:39
Para: Gabriela Cunha (biela_7@hotmail.com)

Responder

Caixa de Entrada

Sinalizar para acompanhamento.

Você respondeu em 23/09/2016 11:31.

Evernote

Oi Gabriela, seguem as respostas:

Bia Cardoso, 35 anos. Pedagoga. Uma das coordenadoras do site Blogueiras Feministas

1- Como e quando foi criado o Blogueiras Feministas? Vocês iniciaram nas redes sociais ou no blog?

A lista de discussão e o site foram criados em 2010. Acredito que as redes sociais a partir de 2011.

Nossa história está no blog: http://blogueirasfeministas.com/about/nossa-memoria/

2- o blog trata de diversos temas sobre o feminismo. Vocês já falaram sobre o assédio verbal feminino no blog ou nas redes sociais? Se sim, como foi a repercussão e os comentários ?

Sim, o assédio verbal ou o assédio nas ruas, as cantadas são temas em populares. Especialmente desde que o Think Olga lançou a campanha Chega de Fiu Fiu.

A repercussão é sempre grande e gera muitos comentários. Um dos nossos textos mais acessados é uma tradução que publicamos em 2013 chamada "Como abordar mulheres sem ser nojento". Sempre há homens e mulheres que dizem que estamos querendo acabar com os relacionamentos e questionam como as pessoas se conhecerão se não for dessa forma, mas no geral a grande maioria das mulheres sente na pele essa violência e não a aceitam mais.

3- Na sua opinião, a internet favoreceu a luta por direitos dos grupos feministas ? Por que ?

A internet é uma ferramenta e também um espaço de comunicação muito importante, pois democratiza a produção de conteúdo e o acesso. Então, para o feminismo foi muito bom ocupar essa ferramenta e vemos que as pessoas estão cada vez mais interessadas pelo assunto.

4- Vocês já sofreram algum tipo de represália nas redes sociais após tratar algum tema ?

Sempre somos atacadas quando falamos de discriminalização e legalização do aborto. Esse ainda é um tema muito difícil de ser aceito pelas pessoas, até mesmo para ser discutido.

5- Hoje, a página do facebook do Blogueiras Feministas, conta com mais de 80 mil curtidas. Como se iniciou esse sucesso nas redes sociais?

Acredito que criamos a página em 2011. Não temos muito planejamento, basicamente publicamos notícias que achamos interessantes, numa média de 5 por dia. Além de divulgar nossos textos e os de outras feministas.

6- Como vocês utilizam as redes sociais do coletivo para ajudar na propagação das lutas feministas?

Não temos tempo para responder comentários e nem debater nas redes. Então, usamos mais para divulgar links dos textos do blog e notícias que achamos interessantes. Basicamente o Twitter e o Facebook são os que usamos mais. Temos um Tumblr para publicar textos que não cabem no perfil do blog. Um canal no Youtube do tempo que faziamos mais vídeos e um Google + que vive desatualizado.

7- Você já foi assediada verbalmente alguma vez na rua? Se sim, conte como foi a sua experiência. (Ps: considerando o assédio verbal feminino como qualquer experiência que tenha conotação sexual e que agrida a mulher)

Sim. E ainda sou. Porque essa é uma violência extremamente comum no cotidiano das mulheres que frequentam espaços públicos. Um dos casos que mais me assustou foi uma época em que eu caminhava e corria no período da manhã, bem cedo, geralmente de moleton, camiseta larga e vários homens me assediavam, alguns deles me seguiam. E eu não estava com roupas que chamassem atenção, estava com o cabelo preso, sem maquiagem. Mas já tive também casos mais ostensivos em que a pessoa me esperava na portaria do prédio em que trabalhava e descobriu meu nome com os porteiros.

8- Na sua opinião, Como os coletivos feministas podem utilizar as redes sociais para falar sobre o assédio verbal? Isso traria alguma consequência para a nossa sociedade ?

Acho que podem utilizar de todas as formas. As redes sociais propiciam maneiras bem espontâneas como as recentes hashtags #MeuPrimeroAssedio e #MeuAmigoSecreto. As consequências tem sido muito boas, cada vez mais mulheres sentem-se confiantes para relatar violências que vivenciaram. Precisamos falar cada vez mais sobre essas violências cotidianas, porque a reação da maioria dos homens ainda é "eu não sabia que era desse jeito, de repente meu facebook foi inundado por relatos de amigas falando de coisas que já fiz e achava normais".

9-A partir de qual momento vocês perceberam que deveriam criar algo para mostrar as mulheres o valor de cada uma e seus direitos?

Nada na história das Blogueiras Feministas foi planejado. Fomos fazendo, as coisas iam acontecendo, alguém dava uma sugestão. A diferença hoje é que um grupo menor é responsável pelo blog e decidimos deixar explícitas nossas posições políticas, que estão mais alinhadas ao feminismo interseccional. Acredito que a maioria das mulheres em algum momento sente vontade de reunir amigas e fazer algo que beneficie o grupo e também mulheres fora dele. Nós decidimos tocar um blog, mas tem muita gente fazendo as mais diversas coisas por aí.

10- Você quer deixar algum recado para as mulheres, sobre o assédio verbal que elas sofrem nas ruas ?

Se conseguirem, não fiquem caladas. Se não responderem na hora, desabafem publicamente. Esse tipo de violência não é crime, mas quanto mais falarmos sobre ele, mais a sociedade poderá refletir e as pessoas poderão mudar seus comportamentos.

abraços.

Blogueiras Feministas

http://blogueirasfeministas.com/

Anexo F - Fala Povo com algumas mulheres usados no vídeo do produto.

Julia Gomes

Data: 19 de setembro de 2016

Você já foi assediada verbalmente na rua? Você já levou uma cantada? Se sim, conte uma história marcante.

Julia: Uma vez eu fui acompanhar uma amiga em uma entrevista de emprego para ajudar ela a procurar endereço, essas coisas... Eu estava vestida normalmente com uma calça, uma blusa e de mochila, estávamos esperando o farol fechar para podermos atravessar. Parou um carro e estavam dois homens, perguntaram para mim e para a minha amiga quanto era o programa. Eu disse que não era prostituta, muito menos ela (a amiga). Ai ele disse que não tinha problema, que era pra fazermos de graça "suas gostosas". Ai minha amiga acabou se excedendo, xingou cara de tudo que era nome. Atrás veio uma viatura de policia e eles foram embora, mas eu me senti muito constrangida. Eu me senti muito mal, me senti na verdade como se eu tivesse feito alguma coisa errada, mas no caso não fomos nós, foram eles né. Eu me senti agredida.

Alguém ajudou de alguma forma? E a polícia?

Julia: Não! E tinham pessoas do lado, pessoas perto, mas ninguém falou nada. Quando eles (os caras) viram que estava se aproximando a viatura, eles foram embora.

Caroline Ferrari

Data: 13 de outubro de 2016

Você já foi assediada verbalmente na rua? Você já levou uma cantada? Se sim, conte uma história marcante.

Caroline: Eu estava voltando do almoço, e estava subindo um rapaz. Eu estava na calçada e ele também estava vindo na calçada, eu acho que ele era meio deficiente porque ele estava mancando ou estava com dor no pé, não sei. Ai eu sai da calçada e fui um pouquinho pra rua para ele poder passar, para ele não precisar desviar. Ai

ele veio e fez assim " shhh, gostosa". Ai ele passou e eu parei, olhei para trás e fiquei encarando. Ele viu que eu parei, ele olhou para trás e ficou super sem graça. Quando ele já estava lá encima, no fim da rua, ele olhou de novo e eu lá parada. Eu fiquei puta da vida, sabe? Você tem vontade de pular no cara. Porque é assim, eles fazem desse jeito, você está passando e eles mechem. É engraçado né? Porque quando você olha, você encara, eles ficam fingindo que não é com eles.

Como você fica quando você é assediada (sentimentalmente)?

Caroline: Querendo voar, né. É nojento. Eu percebo que você não precisa estar com uma roupa ousada ou bem arrumada, olha meu estado hoje, olha como eu to. Eu to de calça jeans e blusa de frio, essa blusa é super larga, e o cara esta mexendo, entendeu? Eu não sei o que se passa na cabeça deles.

Alguém te ajudou na rua, alguma vez?

Caroline: Não. O que eu fiquei reparando é que as pessoas ficam olhando para entender o que está acontecendo, porque do nada o cara passa e a pessoa fica olhando para trás encarando é que alguma coisa aconteceu. Nunca ninguém parou para questionar alguma coisa ou dar uma opinião. As pessoas ficam olhando e depois elas saem, nem falam nada. Neste caso de hoje, que eu imagino que o rapaz tem alguma deficiência, estava bem na porta do hospital, o segurança ficou olhando, mas ninguém fez nada. Na rua atrás onde eu trabalho, eu passo todo dia e tem muito morador de rua. Querendo ou não é homem, você fica meio assim. Morador de rua ás vezes *tá* chapado, não mede o que fala e nem com quem fala. Tem um senhor que teve uma vez que ele falou "bom dia senhora" e eu achei diferente, não vi malícia. Toda vez que eu passo ele fala "bom final de semana" e eu respondo, mas eu não consigo falar para as pessoas que estão ao redor dele, os outros moradores, porque eu sei que não é a mesma coisa, porque você percebe quando a pessoa ta com malícia. Eu fico sempre com o pé atrás, quando passo entre eles, a gente fica meio assim, sabe? Não por ser morador de rua, mas por achar que não vai ter limite às coisas que vão falar pros outros. Teve outra vez que outro cara que mora lá mesmo, mora dentro de um carro até, teve uma vez que ele mexeu e eu vi que ele estava se aproximando, ai eu agi da mesma forma, olhei pra trás e falei "que foi?" e ele entro em um bar. Quando eles falam "boa noite", "bom descanso", da pra ver que eles estão falando de uma

forma (maliciosa). Antes eu ignorava, mas hoje eu não consigo mais ignorar, estou super intolerante. Quando falam “boa noite, bom dia não sei o que” eu já respondo "bom dia filho, tudo bom?!" Ai eles ficam sem reação quando a gente reage. Quando a gente fala alguma coisa, quando damos trela, eles ficam sem graça, sabe?!

Camila Moreira
Data: 13 de outubro de 2016

Você já foi assediada verbalmente na rua? Você já levou uma cantada? Se sim, conte uma história marcante.

Camila: Eu morava numa avenida e nessa avenida tinha muitas lojas, comércios, e uma vez eu estava passando na frente de uma mecânica, e eu estava de short curto normal, mas isso não justifica. Era um dia de sol de manhã e quando eu passei, uns caras começaram a mexer comigo, me chamaram de gostosa e falando aquelas coisas que as mulheres não gostam de ouvir, como pedindo telefone, fazendo piadinha de sogra (quero que sua mãe seja minha sogra), etc. E na verdade eu tinha que passar de volta então eu fiquei muito envergonhada. Minha primeira reação foi abaixar minha cabeça, porque eu teria medo de dar uma resposta e a pessoa vir pra cima de mim, porque a gente não conhece as pessoas. Pode ser que eu fosse xingar ele, responder a altura dele e ele não gostasse e fosse pra cima de mim. E minha reação foi abaixar minha cabeça. Quando eu tive que voltar, dei a volta por trás para não passar por lá de novo e eu fiquei com receio de alguns dias passar por lá. E não foi só comigo, foi com pessoas vizinhas que passaram por intuito de ser uma loja masculina e de trabalhar só homem, eles se achavam no direito de todas as mulheres que passavam lá, eles mexiam chamavam de gostosa, pediam o telefone, desse tipo.

Você teve alguma atitude?

Camila: Não eu abaixei minha cabeça e fiquei com aquilo. Então é o que eu falei eu penso em responder, mas eu tenho receio da pessoa, porque a gente não conhece hoje em dia as pessoas, os homens são muito agressivos, eles se acham no direito, uma de estar falando, então se a gente responder pode ser que eles venham e ache ruim, também venham para cima e queiram arrumar assunto eu prefiro não

responder, eu acho que é idiota eu abaixo minha cabeça e finjo que nem estou ligando e continuo andando .

Como você se sentiu?

Camila: A gente sente raiva, porque a gente acha que é um lixo que ta passando na rua e que eles estão xingando né, é exatamente um pedaço de carne que eles estão ali admirando, que eles podem falar, como se a gente não tivesse pai, mãe, que a gente fosse qualquer uma da rua, e mesmo se fosse também não tem o direito de falar desse jeito, mas eu procuro nunca falar nada, fico na minha, eu abaixo minha cabeça e nenhum momento.

Sayssa Moreira

Data: 13 de outubro de 2016

Você já foi assediada verbalmente na rua? Você já levou uma cantada? Se sim, conte uma história marcante.

Sayssa: Uma situação que eu fui assediada foi vindo para a faculdade. A roupa que eu estava usando era uma calça leggin e uma blusa preta normal e eu tava andando ali onde tem vários stands de lojas, agora esqueci o nome, e um senhor já passou e me chamou de gostosa e falou outra coisa que eu não entendi tipo, eu fiquei meio assim como a pessoa passa por você e te chama de gostosa como se fosse uma coisa normal. Eu não me defendi porque eu tava na frente de todo mundo, tipo, eu continuei andando normal, mas aquilo ficou na minha cabeça. Eu ainda comentei com meu namorado, falei "meu como eu posso andar assim e um cara qualquer vem assediar você, tipo isso não é comum, não pode ser comum isso”. Eu não deveria me sentir mal, mas você acaba se sentido mal, meio que suja, sei lá, por um cara estranho sei lá, passa por você e falar nossa que gostosa, meu você não tem intimidade, você não tem que falar nada, guarda pra você.

Nathalia Autiere

Data: 26 de outubro de 2016

Nome, idade e profissão:

Nathalia: Meu nome é Nathalia, tenho 22 anos e trabalho como auxiliar administrativo.

Você já foi assediada verbalmente na rua? Você já levou uma cantada? Se sim, conte uma história marcante.

Nathalia: Normalmente, eu costumo voltar dois pontos do ponto mais próximo do meu trabalho, para evitar pegar ônibus cheio e até para andar um pouco. Eu acabei notando que tem um motorista de uma empresa executiva de ônibus fretado, de 9 entre 10 vezes que ele passa naquele ponto que é mais distante da avenida e que é bem mais vazio, ele meche com as mulheres. Ele da tchau, manda beijo, pisca o farol, enfim. Mas teve um dia que pra mim foi a gota d"água, foi quando no ponto só estava eu e um homem, e ele olhou na minha cara e fez um gesto com a boca. Aquilo me irritou muito! Além de xingar ele, que é o que normalmente a gente faz e é a nossa primeira atitude, e muitas vezes é o que da tempo de fazer, eu consegui pegar o numero da empresa dele (daquele 0800) e no dia seguinte eu entrei em contato, fiz a reclamação e contei tudo o que acontecia, que aquilo era uma coisa frequente e que estava me incomodando, e que aquilo foi a gota d"água. Eu falei que se fosse eu, não me sentiria a vontade de andar em um ônibus da empresa deles, então aquele motorista estava queimando a empresa. Eles falavam que não aprovavam a situação, que eles iam tomar providencias e que ele ia tomar uma advertência. Eu não sei o que foi feito, mas só de fazer algo diferente do que normalmente eu sempre faço, como xingar e ignorar eu já me senti mais aliviada.

Anexo G – Termos de autorização de imagem e voz

ANEXO 5

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO

Autorização para utilização de voz (Rádio / Vídeo / Mídias Digitais)

Eu, Caroline Almeida Ferrari, portador da cédula de identidade RG Nº 48.305.878-6 e CPF Nº 401.614.088-93, autorizo, prévia e expressamente, a utilização de minha voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para a Universidade de Santo Amaro (Unisa), sem qualquer custo, por tempo indeterminado, desde que para utilização em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), em consultas acadêmicas e reproduções, sem fins lucrativos, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais veículos de comunicação que respeitem a finalidade desta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 07 de novembro de 2016.

Caroline A. Ferrari

Cedente

Assinaturas das Testemunhas:

ANEXO 5

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO

Autorização para utilização de voz (Rádio / Vídeo / Mídias Digitais)

Eu, Sayssa Moreira Dos Santos, portador da cédula de identidade RG Nº 49.250.049-6 e CPF Nº 420.038.078-10, autorizo, prévia e expressamente, a utilização de minha voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para a Universidade de Santo Amaro (Unisa), sem qualquer custo, por tempo indeterminado, desde que para utilização em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), em consultas acadêmicas e reproduções, sem fins lucrativos, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais veículos de comunicação que respeitem a finalidade desta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 8 de novembro de 2016.

Sayssa Moreira

Cedente

Assinaturas das Testemunhas:

_____

_____

ANEXO 5

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO

Autorização para utilização de voz (Rádio / Vídeo / Mídias Digitais)

Eu, Nathalia Caroline Cunha Cintura, portador da cédula de identidade RG Nº 43-925-214-3 e CPF Nº 424759 328-10, autorizo, prévia e expressamente, a utilização de minha voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para a Universidade de Santo Amaro (Unisa), sem qualquer custo, por tempo indeterminado, desde que para utilização em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), em consultas acadêmicas e reproduções, sem fins lucrativos, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais veículos de comunicação que respeitem a finalidade desta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 28 de Outubro de 2010.

Nathalia Cintura

Cedente

Assinaturas das Testemunhas:

_____

_____

ANEXO 5

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO

Autorização para utilização de voz (Rádio / Vídeo / Mídias Digitais)

Eu, Gamila de Paula Jesus, portador da cédula de identidade RG Nº 43.885.656-9 e CPF Nº 422.459.058-14, autorizo, prévia e expressamente, a utilização de minha voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para a Universidade de Santo Amaro (Unisa), sem qualquer custo, por tempo indeterminado, desde que para utilização em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), em consultas acadêmicas e reproduções, sem fins lucrativos, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais veículos de comunicação que respeitem a finalidade desta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 09 de Novembro de 2016.

Gamila de Paula Jesus

Cedente

Assinaturas das Testemunhas:

_____

_____

ANEXO 5

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO

Autorização para utilização de voz (Rádio / Vídeo / Mídias Digitais)

Eu, Julia Gomes de Oliveira, 36.330.677-8, portador da cédula de identidade RG Nº _____ e CPF Nº 441.996.978.45, autorizo, prévia e expressamente, a utilização de minha voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para a Universidade de Santo Amaro (Unisa), sem qualquer custo, por tempo indeterminado, desde que para utilização em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), em consultas acadêmicas e reproduções, sem fins lucrativos, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais veículos de comunicação que respeitem a finalidade desta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 19 de Setembro de 2016.

_____

Cedente

Assinaturas das Testemunhas:

_____

Anexo H- Artigo Científico

CIBERFEMINISMO

O uso do ciberespaço para a luta da igualdade de gênero

Gabriela da Cunha Ursulino[8]

RESUMO

Este trabalho analisou o Ciberfeminismo, e como usa a internet e as redes sociais na luta pela igualdade de gênero. Usamos referências bibliográficas para compreender o Ciberespaço e a Cibercultura. Com a evolução da internet, as lutas feministas foram potencializadas e hoje, em 2016, muitas mulheres usam as redes sociais para contarem suas experiências com temas relacionados ao feminismo.

Palavras Chaves: Feminismo; Redes Sociais; Cibercultura; Ciberfeminismo;

ABSTRACT

This study analyzed the cyberfeminism, and how to use the internet and social networks in the struggle for gender equality. We use references to understand the Cyberspace and cyberculture. With the evolution of internet, feminist struggles were potentiated and today, in 2016, many women use social networks to tell their experiences on issues related to feminism.

Keywords : Feminism; Social networks; cyberculture; cyberfeminism

RESUMEN

Este estudio analizó el ciberfeminismo, y cómo utilizar el Internet y las redes sociales en la lucha por la igualdad de género. Utilizamos referencias para entender el ciberespacio y cibercultura. Con la evolución de Internet, las luchas feministas se potenciaron y hoy, en 2016, muchas mujeres utilizan las redes sociales para contar sus experiencias en temas relacionados con el feminismo.

Palaras clave : El feminismo; Redes sociales; cibercultura; ciberfeminismo;

[8] Estagiária – Em Pauta Comunicação. Universidade de Santo Amaro. Estudante de Jornalismo. Email: biela_7@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Hoje, em 2016, nós vivemos uma era que a internet nos ajuda diariamente, tanto no trabalho, nos estudos, em casa, etc. A internet nos ajuda a conhecer pessoas, a ter acesso a informações, a procurar lugares, entre outros auxílios. Nós estamos conectados a todo tempo, tanto no celular, no tablet, no computador, no relógio, etc.

A internet além de nos ajudar a viver, hoje em dia, ela colabora com a construção de conhecimento e relações sobre o feminismo. Este movimento começou no final do século XIX na Inglaterra com algumas mulheres reivindicando os seus direitos indo às ruas, e hoje, com a ajuda da internet, conseguem alcançar mulheres de todo mundo para lutar por diversos motivos e direitos. Os grupos feministas viram que a internet seria uma grande forma de propagar e empoderar as suas lutas e por aqui estão presentes até hoje.

Este artigo tende a entender como os grupos feministas utilizam as redes sociais e a internet, e como isso pode potencializar as transformações e as lutas na nossa sociedade.

1 Espaço online de conhecimento: CIBERESPAÇO

Os primeiros computadores foram desenvolvidos nos Estados Unidos da América e na Inglaterra, para serem usados por militares para fins de cálculos científicos, na década de 40. Somente na década de 70, o desenvolvimento de microprocessadores fez com que os computadores ficassem menores e mais rápidos, criando assim os computadores para uso pessoal.

No início da década de 90, houve uma grande demanda de pessoas conectadas as chamadas “inter-rede” [9] com isso dando origem ao ciberespaço, definido como o mundo virtual. De acordo com Pierre Levy (1999, p.32), as tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento.

[9] Inter-Rede é um conjunto de redes Interconectadas. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/53477564/Parte-VIIIa-Apostila-Fund-Redes-Arquitetura-TCP-IP-Conceitos>. Acesso em: 18/08/2016

Toda a informação que é hoje inserida na internet fica armazenada em chips, os quais efetuam cálculos lógicos e aritméticos que acabam se codificando em um resultado único, trazendo e armazenando a informação para o uso final do usuário. O processo apesar de complexo é extremamente rápido, graças aos processadores cada vez mais evoluídos que são criados a cada dia.

Somente através do ciberespaço, definido por Pierre Levy (1999) como o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, os membros buscam, cooperam e participam de uma memória comum, em tempo real e em qualquer lugar. Essa extensão que o ciberespaço permite, faz com que a sociedade e a economia cresçam através da virtualização[10]. Pierre Levy (1999, p.83), ressalta que em certo sentido, a comunicação por mundos virtuais é muito mais interativa do que a comunicação via telefone, já que melhora a visibilidade e contato com a situação e imagem pessoal do usuário. A rede permite que o usuário se comunique com várias pessoas, em qualquer localidade, através de emails, conferencias eletrônicas, comunidades virtuais, redes sociais, etc. Quanto mais pessoas se conectam, mais ele se torna universal. "O ciberespaço dissolve a pragmática da comunicação que, desde a invenção da escrita, havia reunido o universal e a totalidade" (LEVY, 1999, p.120).

O ciberespaço depende de três princípios para poder existir: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. Cada um desses princípios depende um do outro. A interconexão é a base, já que sem ela, não é possível desenvolver comunidades virtuais. As comunidades virtuais são criadas através de relações de interesse e conhecimento. Elas servem para proporcionar a troca de conhecimentos, havendo ações recíprocas de ambos envolvidos na comunicação. Segundo Levy (1999, p.131) "As comunidades virtuais exploram novas formas de opinião pública", com isso, ressalta-se que as comunidades virtuais são os grupos permanentes que ao invés de encontros presenciais preferem os encontros virtuais, complementando as reuniões físicas. Já a inteligência coletiva explica que um grupo de pessoas só se interessa em participar de uma comunidade virtual se o seu ideal e valores estiverem de acordo com o do grupo todo. Essa seria a perspectiva pessoal, sua finalidade.

[10] Soluções computacionais que permitem a execução de vários sistemas operacionais e seus respectivos softwares a partir de uma única máquina, seja ela um desktop convencional ou um potente servidor. Disponível em: <http://www.infowester.com/virtualizacao.php#conceito> . Acesso em: 18/08/2016

> “Está claro, o movimento social e cultural que o ciberespaço propaga um movimento potente e cada vez mais vigoroso, não converge sobre um conteúdo particular, mas sobre uma forma de comunicação não midiática, interativa, comunitária, transversal, rizomática”. (LEVY, 1999, p. 134)

2 Conhecimento e cultura no ciberespaço

Dentro do ciberespaço existem informações e conteúdos literários, musicais, políticos, artísticos, que foram definidos como cibercultura. Ela não tem só um conteúdo específico, ela permite uma variação de cultura e aprendizagem bem ampla. Um dos principais conceitos é que qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo pode acessar rapidamente a diversas comunidades virtuais. O ciberespaço faz com que as comunidades de todos os assuntos e tamanhos se articulem entre si. Neste contexto da cibercultura, podemos encontrar o Ciberfeminismo, definido como “uma prática feminista em rede, que tem por intuito, tanto politicamente, quanto esteticamente, a construção de novas ordens e desmontagem de velhos mitos da sociedade através do uso da tecnologia” (MARTÍNEZ-COLLADO e NAVARRETE, 2006 apud LEMOS, 2009, p.9).

Na década de 60 e 70, enquanto cresciam os movimentos feministas que lutavam nas ruas, o ciberfemismo utilizava a internet para se reunir, trocar experiências e lutar por novos motivos. A internet além de comunicar e informar, ela estava se globalizando pelo mundo inteiro. Os grupos feministas usavam as tecnologias para se organizar e começavam a alcançar lugares que pessoalmente era impossível, como leitoras e ativistas de outros países.

3 Breve história dos movimentos feministas e da luta pelos direitos das mulheres

Antes de se falar sobre os grupos feministas, devemos entender o que é o feminismo e como ele atua na vida de uma mulher. O feminismo luta pela liberdade entre os gêneros e direitos iguais, e o machismo é um sistema que prega a superioridade dos homens em relação às mulheres. Feminismo não pretende dominar o mundo, muito menos pregar ódio na sociedade. O feminismo busca igualdade. Ao longo desse trabalho, toda vez que falarmos em feminismo, tomaremos por base essa definição.

O movimento feminista na história mundial, trouxe diversas mudanças em nossa humanidade, desde o direito ao voto, a novas leis para a proteção da mulher,

lei contra o estupro, direitos aos métodos contraceptivos, direito a licença maternidade, etc. Os primeiros rastros da luta feminista foi no período da Revolução Francesa, em que as mulheres lutavam por direitos políticos, direito ao alistamento na carreira militar e ter acesso as armas. Até 1800 a luta era por igualdade, direito a educação, trabalho e igualdade salarial. Com muita resistência ao direito do trabalho, às mulheres criaram a primeira associação feminista, à Liga das Mulheres em 1868. A entrada no ambiente de trabalho foi difícil, já que parte dos trabalhadores consideravam elas uma ameaça aos seus empregos e aos seus lares.

No final do século XIX na Inglaterra, algumas mulheres se juntaram para lutar por direito ao voto e para exigir leis mais justas. O movimento ficou conhecido como Sufrágio Feminino, e o primeiro país que as mulheres puderam votar foi na Nova Zelândia, em 1893, através de Kate Sheppard, importante líder política na época. Essa conquista para o movimento feminista, só se realizou após ser aceita depois de cinco petições. Em outros países, a luta do direito ao voto continuou. No Reino Unido, o movimento do Sufrágio Feminino começou em 1897, por Millicent Fawcett. Por lá, as mulheres queriam expor o sexismo institucional da sociedade britânica, mas o direito ao voto só foi conseguido em 1918. O sufrágio feminino estava em diferentes países, cada um priorizava uma luta, chegando a envolver milhares de mulheres pelo mundo.

Aqui no Brasil, o movimento feminista chegou em 1910, com algumas mulheres de classe média e representantes da elite, que fundaram o Partido Republicano Feminino. E em 1921, Bertha Lutz fundou a Federação Brasileira para o Progresso Feminino**.** O direito ao voto foi conquistado em 1932, após o presidente Getúlio Vargas assinar um decreto[11] que dizia que o voto era para cidadãos acima de 21 anos, sem distinção de sexo. Mas as mulheres que poderiam votar deveriam ser casadas com autorização dos maridos, e as solteiras e viúvas somente com renda própria. Essas restrições só caíram em 1946.

Aos poucos, os movimentos feministas batalhavam por temas diversos, como sexualidade, aborto, maternidade, entre outros temas de interesse. Em 1960 na Europa e nos Estados Unidos, alguns grupos feministas se juntaram com jovens, estudantes, operárias e artistas, para realizar mobilizações contra formas de autoritarismo, colonialismo e totalitarismo. Na mesma época aqui no Brasil e na

[11] Decreto nº. 21.076, assinado em de 24 de fevereiro de 1932.

América Latina, aconteciam ditaduras militares, fazendo com que os grupos feministas se juntassem com outras forças e se voltassem para temas específicos na época, como a redemocratização. Na década de 80, o feminismo ganha a questão da autonomia, já que os governos começaram a usar as relações sociais de gênero nas políticas públicas. Hoje, em 2016, aqui no Brasil, o movimento feminista luta ao combate à violência doméstica, feminicídio, discriminação, estudo de gênero, aborto, entre outros movimentos culturais.

4 Movimento feminista online

Em 1980, os grupos feministas se vincularam em redes eletrônicas por BBS (sistema informático) e INTRANET universitárias (rede de comunicação privada de um local) na Austrália e na Alemanha. Mas somente nos anos 90, o ciberfeminismo adentrou na internet em diferentes partes do mundo, como na Europa, América do Norte e na Austrália. O movimento feminista inserido na internet primeiramente buscava colocar a mulher em profissões ligadas a tecnologia e nas redes eletrônicas. Logo, foi expandido e deslocado para as novas tecnologias de comunicação. A internet era considerada um sistema de comunicação alternativo, assim seria possível chegar à informação a qualquer pessoa, desagregando os papéis e gêneros de cada ser. “O Ciberfeminismo tem como postulado a ideia de que a conjunção com a tecnologia reconstrói as sexualidades, as subjetividades a partir da heterogeneidade que as redes eletrônicas possibilitam.” (LEMOS, 2009, p.42).

O primeiro manifesto online feminino foi criado pelo coletivo VNS Matrix, denominado como *Cyberfeminist Manifesto for the 21st century* (1991). O mesmo coletivo lançou em 1996 o manifesto *Bitch Mutant Manifesto.* Os dois projetos defendiam a fusão do corpo feminino com as tecnologias. O grupo usava o seu próprio corpo teórico voltado para questões sobre a mulher e relacionado a tecnologias, com fotos, textos aprofundados, e até jogos de vídeo game.Em 1997, ocorreu o primeiro encontro internacional Ciberfeminista, na Alemanha, contando com vários grupos feministas de países diversos, com culturas e origens distintas, que discutiram sobre novas maneiras de representações das mulheres nos meios tecnológicos.

5 As redes sociais e a comunicação online

Os grupos feministas estão presentes em sites, grupos fechados e abertos, blogs, e em muitas redes sociais, como Facebook, Twitter, Youtube, entre outros. De acordo com Luiz Mauro Sá Martino (2014, p.55), “as redes sociais são um tipo de relação entre seres humanos pautada pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes”.

Tanto no mundo fora das telas do computador como no ambiente online, criamos laços de interesse com valores e temas distintos. Essa junção de interesse faz com que você crie um convívio com outras pessoas de diversos lugares do mundo, mas com um único propósito em conjunto, o seu destino online. Martino (2014, pag. 56) diz que as redes sociais são dinâmicas e flexíveis, já que várias pessoas do mundo podem acessá-las e se desconectar a qualquer hora e lugar que quiserem. No caso da instantaneidade, varia de acordo com cada rede, como no email, que é uma forma mais lenta de se comunicar com outras pessoas, mas também é mais reflexiva e completa. A flexibilidade fica caracterizada nas redes sociais através dos vínculos entre os usuários, que tendem a ser rápidos e fluídos.

Como as redes sociais online são evoluídas por interesse comum, também percebemos com isso uma troca de informações, materiais, dicas, gerando compartilhamento de ideias e criando engajamento político, social e cultural. Com o lançamento de dispositivos portáteis, como o celular e o tablet, as redes sociais conseguiram ultrapassar barreiras do mundo físico e online. As ações no mundo fora da web (offline) acabam se misturando com as ações dentro da internet (online) e vice versa.

Hoje, 2016, no Brasil, vemos diversos grupos feministas inseridos na plataforma online. O coletivo feminista *Think Olga*[12], criou uma campanha denominada como "Chega de Fiu Fiu"[13] em 2013, no qual recolhia informações de mulheres sobre o assédio sexual nas ruas, que considerava qualquer tipo de interação sem consentimento e com teor sexual. A campanha repercutiu nas redes sociais, como o Twitter e Facebook, com a hashtag “#chegadefiufiu”, e também na mídia[14]. O coletivo tem blog e redes sociais, que contam com diversos temas

[12] Projeto feminista criado em abril de 2013, pela jornalista Juliana de Faria. Disponível em: < http://thinkolga.com/a-olga/> . Acesso em: 28/07/2016

[13] Campanha realizada pelo projeto feminista Think Olga. Disponível em: https://www.facebook.com/chegadefiufiu/. Acesso em 19/08/2016

[14] Matéria do portal Terra. Disponível em: <https://noticias.terra.com.br/brasil/policia/chega-de-fiu-fiu-site-colaborativo-relata-assedios-sexuais,9abfde7e89e85410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html> Acesso em: 28/07/2016

voltados para a mulher, desde sobre assédio sexual, verbal, direito ao aborto, diferença salarial, preconceito, entre outros. A campanha *Chega de Fiu Fiu* contou com uma pesquisa[15] com 7762 mulheres, e 99,6% afirmaram já terem sido assediadas, e 83% disseram não "acharem legal" ouvir cantadas. Dessas mulheres, 73% não responde aos assédios que ouvem na rua por medo. A campanha permitiu que muitas mulheres além de contar a sua história, puderam dividir experiências, trocar informações sobre os assédios, locais onde ocorreram, o que escutaram, etc. São experiências diferentes e distintas, que contribuem com novas informações para que as mulheres possam ter voz e batalharem para que isso não ocorra mais.

O coletivo feminista *Não me Kahlo*[16] também está presente nas redes sociais. Foi criado para ser um espaço de estudo e debate, respeitando a pluralidade e individualidade. O coletivo conta com site e redes sociais, que mostram histórias das leitoras, textos sobre feminismo, mulheres negras, ciberfeminismo, entre outros assuntos. A página do Facebook[17], em apenas oito meses, gerou quase 150 mil seguidores. Atualmente, a página já ultrapassou a um milhão de curtidas.

Os coletivos feministas estão em diversas redes sociais, especialmente no Facebook e Twitter, e compartilham histórias de mulheres que já sofreram assédios. Em maio de 2016, uma repórter do portal IG de 21 anos, realizou uma entrevista com o cantor Mc Biel, no qual o artista assediou verbalmente a jornalista. Em um áudio divulgado pelo portal, o cantor chama a repórter de "Gostosinha" e ainda fala "Menina, se eu te pego, eu te quebro no meio". O cantor pediu desculpas através de um vídeo, e logo depois, as duas profissionais foram demitidas do portal. Com isso, foi criada através de uma ideia da jornalista Janaina Garcia, o movimento feminista "*Jornalistas Contra o Assédio*" disponível no Facebook[18]. A página na rede social foi criada em solidariedade à repórter, mas também em luta contra o machismo. Foi criada a hashtag #jornalistascontraoassedio para compartilhar a voz de muitas jornalistas, que apoiam a campanha e o tema.

Essa campanha online é apenas uma de várias campanhas já criadas contra o assédio que incentivam a mulher a contar nas redes sociais as suas experiências.

---

[15] Pesquisa Chega de Fiu fiu completa. Disponível em: < http://thinkolga.com/2013/09/09/chega-de-fiu-fiu-resultado-da-pesquisa/>. Acesso em 04/08/2016

[16] Coletivo feminista Não me Kahlo. Disponível em: http://www.naomekahlo.com/> . Acesso em 19/08/2016

[17] Página na rede social Facebook, do coletivo feminista Não me Kahlo. Disponível em: https://www.facebook.com/NaoKahlo/. Acesso em 19/08/2016

[18] Campanha realizada na rede social Facebook. Disponível em: < https://www.facebook.com/jornalistascontraoassedio/> . Acesso em: 19/08/2016

Entre as mais relevantes em redes sociais no Brasil, podemos citar as campanhas "Chega de Fiu Fiu"[19], "#primeiroassedio"[20] e "#CarnavalSemAssédio"[21]. O que se pode perceber nos comentários das publicações, são as histórias de mulheres, garotas, senhoras que compartilham através da internet sua indignação sobre as suas respectivas histórias.

Hoje, podemos perceber que as redes sociais se tornou a forma mais rápida de se comunicar com outra pessoa. Estamos conectados a todo o tempo e em todo lugar. Através de uma mensagem por um aplicativo no celular ou no tablet, conseguimos falar com pessoas de outro país, sem se preocupar com a demora que a informação chegara à outra pessoa, já que hoje, tudo é instantâneo. E o feminismo percebeu isso e aproveitou para lutar pelos seus direitos, tendo acesso a milhares de mulheres que concordam ou discordam da causa, envolvendo cada vez mais pessoas. Com o acesso a qualquer lugar, o celular se tornou como uma extensão do nosso corpo.

> O uso de aparelhos celulares como forma de acesso à internet já compete com o uso por meio de computadores ou notebooks, 66% e 71%, respectivamente. O uso de redes sociais influencia esse resultado. Entre os internautas, 92% estão conectados por meio de redes sociais, sendo as mais utilizadas o Facebook (83%), o Whatsapp (58%) e o Youtube (17%) (SECOM, 2015 apud SANTOS; BARROS, 2015, p.5)

Com as redes sociais, podemos perceber que as mulheres usam as redes sociais como canais para propagação das suas experiências. Os movimentos feministas usam as redes sociais hoje, para alcançar além da mulher que está lendo, a sua rede de contatos, podendo passar conhecimento e conteúdo a pessoas que não são seguidoras ou não são ativas dentro do movimento feminista.

No inicio do ciberfeminismo, a luta era através de textos, avatares, CDs, jogos, textos não narrativos com muita imagens e símbolos. Hoje, 2016, a luta vai muito além disso, através de compartilhamento de fotos com os amigos, postagens, hashtags, revistas digitais, portais, entre outros meios.

---

[19] Campanha Chega de Fiu Fiu. Disponível em: < http://chegadefiufiu.com.br/> . Acesso em: 19/08/2016

[20] Campanha realizada através da rede social Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/search?q=%23primeiroassedio/> . Acesso em: 19/08/2016

[21] Campanha criada pelo portal de comunicação Catraca Livre. Disponível em: < https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/campanha-carnavalsemassedio-luta-por-respeito-na-folia/> . Acesso em: 19/08/2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o surgimento do ciberespaço até hoje, a internet faz cada vez mais parte da vida da sociedade, tanto nas atividades diárias, como no trabalho, na escola, no transporte público, etc. A internet tem um grande alcance e poder, os usuários podem acessá-las em qualquer horário e qualquer lugar. Diferente dos anos 2000, que a maioria dos usuários não tinha acesso em casa, e era necessário ir até uma lan-house para poder entrar no mundo do ciberespaço. Atualmente, com o avanço da tecnologia, a internet trouxe facilidade de acesso para os usuários, com isso, o acesso a informações e a propagação delas se potencializou através da tecnologia. O celular já é considerado uma extensão do nosso corpo.

E o contato da sociedade com as novas tecnologias e com a internet, fez com que fosse criada cultura também no ambiente online, denominada de cibercultura. Muitas informações e atitudes que tínhamos na vida fora das telas de um computador, hoje, são feitas online e sem sair de casa. O feminismo é um deles.

O feminismo adentrou na internet, e atualmente, luta pelas suas causas tanto nas ruas, como no mundo digital. Muitas vezes, os grupos feministas marcam os seus encontros pela internet, e vão fazer suas manifestações nas ruas. Mas também há aqueles movimentos feministas que atuam no ambiente online, e conseguem alcançar o Brasil e o mundo com as suas lutas.

Por conta de toda essa facilidade que a internet nos trouxe, as lutas feministas foram potencializadas através do ciberespaço. O ciberfeminismo fez com que muitas mulheres pudessem ter voz, e serem “abraçadas” por outras mulheres que compreendem e que lutam pelo mesmo objetivo. Podemos concluir que as redes sociais ajudam os grupos feministas a proliferaram as suas lutas, e as mulheres a contarem as suas histórias e sua indignação, criando assim mais engajamento nas causas feministas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. 4ª edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BLOGUEIRAS FEMINISTAS. **80 anos do voto feminino no Brasil**. Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/2012/02/80-anos-do-voto-feminino-no-brasil/>. Acesso em: 01 ago. 2016.

CARTA CAPITAL. **Feminismo para leigos.** Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-pra-que/feminismo-para-leigos-3523.html/>. Acesso em: 23/08/2016

CATRACA LIVRE. **Campanha #CarnavalSemAssédio luta por respeito na folia.** Disponível em: < https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/campanha-carnavalsemassedio-luta-por-respeito-na-folia/> . Acesso em: 19/08/2016.

CAUSAS PERDIDAS. **A trajetória do movimento feminista e suas lutas frente aos dilemas do século XXI.** Disponível em: <http://causasperdidas.literatortura.com/2013/10/27/a-trajetoria-do-movimento-feminista-e-suas-lutas-frente-aos-dilemas-do-seculo-xxi/>. Acesso em: 23 jul. 2016.

CHEGA DE FIU FIU. **Chega de Fiu Fiu**. Disponível em: < http://chegadefiufiu.com.br/> . Acesso em: 19/08/2016

COLÉGIO WEB. **Origem e Detalhes do Movimento Feminista**. Disponível em: <http://www.colegioweb.com.br/historia/origem-e-detalhes-movimento-feminista.html#ixzz4GCMsTtqa>. Acesso em: 02 ago. 2016.

E! ONLINE BRASIL. **A definição de feminismo**. Disponível em: <http://br.eonline.com/enews/a-definicao-de-feminismo/>. Acesso em: 22 ago. 2016.

EDITORA MODERNA. **Votos de saia: o Sufrágio Feminino**. Disponível em: <http://pnld.moderna.com.br/2012/09/19/votos-de-saia-o-sufragio-feminino/>. Acesso em: 01 ago. 2016.

FACEBOOK. **Não me Kahlo**. Disponível em: https://www.facebook.com/NaoKahlo/. Acesso em 19/08/2016

FACEBOOK. **Chega de Fiu Fiu**. Disponível em: https://www.facebook.com/chegadefiufiu/. Acesso em 19/08/2016

FACEBOOK. **Jornalistas Contra o Assédio**. Disponível em: < https://www.facebook.com/jornalistascontraoassedio/> . Acesso em: 19/08/2016

FAZENDO GÊNERO. **Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade.** Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277667680_ARQUIVO_Feminismoelutadeclasse.pdf>. Acesso em : 03 ago.2016.

GURGEL, Telma. **Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 9, 2010, Santa Catarina. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Santa Catarina.

INFOWESTER. **O que é virtualização e para que serve?.** Disponível em: <http://www.infowester.com/virtualizacao.php#conceito> . Acesso em: 18/08/2016

LABCOM DATA. **O movimento feminista no Facebook: uma análise das páginas Moça, você é machista e Feminismo sem demagogia.** Disponível em: < http://www.labcomdata.com.br/wpcontent/uploads/2015/12/SantosNdeOBarrosJFPaper.pdf/>. Acesso em: 23/08/2016

LEMOS, Marina Gazire. **Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas.** 2009. 129 f. Mestrado em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: Linguagem, ambiente e redes**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

MOTHERBOARD. **'Nós somos a buceta do futuro': Ciberfeminismo nos anos 90**. Disponível em: <http://motherboard.vice.com/pt_br/read/ns-somos-a-buceta-do-futuro-ciberfeminismo-nos-anos-90>. Acesso em: 22 ago. 2016.

NÃO ME KAHLO. **Não me Kahlo**. Disponível em: http://www.naomekahlo.com/> . Acesso em 19/08/2016

REDES SOCIAIS.**Ciberfeminismo: novo espaço e novo rumo.** Disponível em: <http://redessociaisfacom.blogspot.com.br/2014/11/ciberfeminismo-novo-espaco-e-novo-rumo.html/>. Acesso em: 23/08/2016

REPOSITÓRIO UNESP. **Chega de fiu fiu: o papel do ciberfeminismo na construção do feminismo na era da web 2.0.** Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/126668/000844976.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 jul. 2016.

REVISTA FEMINISMOS. **O ciberfeminismo desencantado**. Disponível em: <http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/86/84/>. Acesso em: 23/08/2016

SCRIBD. **Apostila Fund Redes - Arquitetura TCP-IP – Conceitos**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/53477564/Parte-VIIIa-Apostila-Fund-Redes-Arquitetura-TCP-IP-Conceitos> . Acesso em: 18/08/2016

TERRA. **Chega de Fiu Fiu: site colaborativo relata assédios sexuais**.Disponível em: <https://noticias.terra.com.br/brasil/policia/chega-de-fiu-fiu-site-colaborativo-relata-assedios-sexuais,9abfde7e89e85410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html> Acesso em: 28/07/2016

THINK OLGA. **A Olga**. Disponível em: < http://thinkolga.com/a-olga/> . Acesso em: 28/07/2016

THINK OLGA. **Chega de Fiu Fiu: resultado da pesquisa**. Disponível em: < http://thinkolga.com/2013/09/09/chega-de-fiu-fiu-resultado-da-pesquisa/>. Acesso em 04/08/2016

TWITTER. **#primeiroassedio**. Disponível em: <https://twitter.com/search?q=%23primeiroassedio/> . Acesso em: 19/08/2016

COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO

Ata de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso

São Paulo, de de 2016.

A apresentação e defesa de Trabalho de Conclusão de Curso do(s) discente(s) *(informar no nome do discente)* _____, realizou-se no dia _____ de _____ de 20___, com o título _____
_____.

Participaram da Banca Examinadora os seguintes componentes:

Nome Assinatura Nota

1ºExaminador

_____

2ºExaminador

_____

Professor-orientador

_____

Média final

_____

Parecer da banca sobre o trabalho (*um breve comentário sobre a parte escrita e apresentação oral, ou qualquer outro comentário que a banca queira registrar*).

_____
_____

_____

Presidente da Banca Examinadora